

A MEDIAÇÃO LÍQUIDA DA NARRATIVA

Lucelena Ferreira¹

Resumo: O texto apresenta uma análise do livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, a partir do conceito de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman, enfocando a questão da mediação da narrativa.

Palavras-chave: Mediação, Modernidade, Narração, Ficção.

Résumé: Cet article présente une analyse du livre *Les cités invisibles*, de Italo Calvino, basée sur le concept de modernité liquide, de Zygmunt Bauman, en se concentrant sur la question de la médiation de la narration.

Mots-Clés: Mediation, Modernité, Narration, Fiction.

1 A MEDIAÇÃO DE MARCO POLO

O livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, apresenta os relatos que o jovem veneziano Marco Polo faz a Kublai Khan, imperador dos tártaros, descrevendo as cidades para as quais fora enviado em missão diplomática.

Neste artigo, busco elaborar uma leitura do livro de Calvino à luz dos conceitos de *sólido* e *líquido*, tal como desenhados por Zygmunt Bauman, tendo como vetor a questão da mediação. Assim, a relação do imperador Khan com o viajante-narrador Marco Polo é pensada com base nas categorias de sólido e líquido, em diálogo com o conceito de *mediação* desenvolvido por Gilberto Velho.

Ao refletir sobre as múltiplas realidades socioculturais que marcam a vida nas sociedades metropolitanas moderno-contemporâneas, Velho pondera que, “em qualquer sociedade, por mais aparentemente simples, há diferenciação e descontinuidade em termos de papéis sociais e planos de realidade” (VELHO, 2001, p. 16), embora este fenômeno se acentue nas sociedades complexas. Portanto, em qualquer sociedade, pode-se perceber o trânsito do indivíduo entre diferentes realidades socioculturais, desempenhando diferentes papéis. Assim, pode participar de diferentes subculturas, *ethos*, mundos sociais. A este trânsito, Velho associa à idéia de *viagem*, e ressalta: “ora, certos indivíduos mais do que outros não só fazem esse trânsito mas desempenham o papel de *mediadores* entre diferentes mundos, estilos de vida, experiências” (VELHO, 2001, p. 20). O mediador é um viajante. Assim ocorre com Marco Polo.

¹ Lucelena Ferreira é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutoranda em Educação Brasileira por esta mesma universidade. Atua como consultora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, professora da pós-graduação I.s. em Letras da PUC-Rio e Professora Adjunta do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá (UNESA), no Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: lucelena@terra.com.br.

Em meio ao processo de trocas socioculturais que vivencia com o imperador, o veneziano expressa uma nova visão de mundo, que provoca e fascina o Grande Khan. A partir de seu trânsito e suas viagens, Polo difunde, sobretudo pela narrativa, outras práticas e valores, apresenta um *ethos* que difere daquele do imperador, marcado pela hierarquia e pelo poder que se vincula, entre outras coisas, às conquistas materiais e territoriais. Em contraste, a irrelevância do espaço, marca da *modernidade fluida* (BAUMAN, 2001), é explorada por Polo nas viagens que realiza. Com a relação que se estabelece entre ambos, a idéia de poder ganha novos contornos.

2 MODERNIDADE FLUIDA

No seu livro *Modernidade líquida*, Zygmunt Bauman explora as metáforas do *líquido* e do *sólido* para comparar o início da modernidade com os tempos atuais. Com base nestes conceitos, analisa, entre outras coisas, a questão do poder e da dominação.

A idéia de sólido associa-se à estabilidade, forma fixa, peso, volume. Já o líquido remete a fluidez, leveza, mobilidade, inconstância.

Houve o estágio sólido da era moderna. Hoje vivemos o estágio fluido. Na modernidade *pesada*, a riqueza e o poder associavam-se à conquista e manutenção do espaço. Bauman nomeia esta parte da história de *era do hardware*. Para o sociólogo, foi uma modernidade

obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo “quanto maior, melhor”, “tamanho é poder, volume é sucesso”. [...] A conquista do espaço era o objetivo supremo — agarrar tudo o que se pudesse manter, e manter-se nele, marcando-o com todos os sinais tangíveis da posse e tabuletas de “proibida a entrada”. O território estava entre as mais agudas obsessões modernas e sua aquisição, entre suas urgências mais prementes — enquanto a manutenção das fronteiras se tornava um de seus vícios mais ubíquos, resistentes e inexoráveis. A modernidade pesada foi a era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizadas ou depositadas dentro da terra (BAUMAN, 2001, p. 132).

Riqueza e poder eram medidos por volume e peso. Progresso associava-se a tamanho crescente, expansão espacial. A fábrica fordista é o exemplo típico da versão pesada da modernidade.

Na passagem da modernidade sólida à líquida, a transformação central é a nova irrelevância do espaço, que agora pode ser atravessado instantaneamente. Hoje, o movimento através do espaço não depende mais das pernas humanas ou dos cavalos, mas sim dos avanços tecnológicos. Neste contexto, desenha-se a noção de poder: “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação” (BAUMAN, 2001, p. 16). Inici-

almente, a dominação estava ligada à fixação dos dominados em um determinado espaço vigiado, com fronteiras bem delineadas. Era uma estratégia cara, que implicava em conquista e manutenção do espaço e da ordem. Isto exigia, tanto para dominados como para dominadores, estar preso ao lugar. Hoje, “o poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico – e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade” (Idem, 2001, p. 18). O tempo se descolou do espaço. A velocidade do movimento chega ao extremo do imediato. Isto quer dizer que o poder não enfrenta mais a resistência do espaço, tornando-se *extraterritorial*. A tecnologia permite que os detentores do poder possam dar ordens de qualquer lugar. Explodem-se as fronteiras entre *próximo* e *distante*. Com isso,

as principais técnicas do poder são agora a fuga, a astúcia, o desvio, a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial, com os complicados corolários de construção e manutenção da ordem, e com a responsabilidade pelas conseqüências de tudo, bem como com a necessidade de arcar com os custos (Idem, 2001, p. 18).

“Desengajamento” é palavra de ordem. Fixar-se muito fortemente, investindo na construção de laços (e responsabilidades) com os dominados não vale a pena, por conta das novas possibilidades que surgem em outros lugares.

Assim, na era da modernidade líquida, a guerra não visa mais à conquista de novos espaços, mas sim à derrubada de barreiras que impeçam o fluxo dos “novos e fluidos poderes globais”: “para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas” (Idem, 2001, p. 19 e 22). No estágio fluido da modernidade, uma elite nômade e extraterritorial domina a maioria assentada. Mobilidade está na raiz do poder: “Mover-se leve, e não mais aferrar-se a coisas vistas como atraentes por sua confiabilidade e solidez – isto é, por seu peso, substancialidade e capacidade de resistência – é hoje recurso de poder” (Idem, 2001, p. 21).

3 O REINO LÍQUIDO

Em *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, encontra-se um imperador que já não se orgulha da imensidão do seu reino, e vive “uma sensação de vazio que surge ao calar da noite [...]: é o desesperado momento em que se descobre que este império, que parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem forma” (p. 9)². O destino inexorável do reino sólido é esfacular-se, rendido à ação corrosiva do tempo.

² As citações retiradas do livro *As cidades invisíveis* virão acompanhadas somente do número da página.

No livro de Calvino, identificam-se claramente dois reinos de natureza distinta: um sólido, visível, pertencente ao imperador Kublai Khan e conquistado por seus soldados, e um líquido, invisível, construído nas narrativas de Marco Polo. O romance promove uma tensão lúdica entre coincidência e separação dos reinos. Assim, abrem-se possibilidades de problematização da relação de Khan e Marco Polo com cada um deles, bem como da sedução e poder que se estabelecem a partir da ficção, domínio do líquido, em contraponto ao poder *pesado* do imperador.

Já no título do livro, Calvino sugere comunhão entre o sólido e o líquido: cidades invisíveis. O autor une substantivo e adjetivo em costura inesperada. Binômio fantástico: sólido e líquido amansando fronteiras. No encontro de Kublai e Polo, temos dois opostos em diálogo: o imperador como símbolo da modernidade sólida, com seu poder associado à grandeza do território físico conquistado; e o viajante simbolizando a liquidez, a mobilidade potencializada pela imaginação liberta. Seu poder é de criação, sem amarras espaciais.

Ainda que possua muitos embaixadores a seu serviço, é a narrativa de Polo que mais desperta o interesse e a curiosidade do Khan. Os relatos do veneziano ultrapassam o reino sólido do imperador, com suas fronteiras definidas e protegidas, e sugerem cidades estranhas, inexatas, descontínuas no tempo e no espaço: “somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmorronar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins” (p. 10).

Há um contraste entre a tendência racionalizante do Khan, que deseja a ‘verdade’ sobre seu império, e as cidades fluidas que Polo lhe apresenta. Diz o imperador: “Sei que meu império é feito com a matéria dos *cristais*, e agrega as suas moléculas seguindo um desenho perfeito. [...] Por que suas impressões de viagem se detêm em aparências ilusórias e não colhem esse processo irreduzível? Por que perder tempo com melancolias não-essenciais? Por que esconder do imperador a grandeza de seu destino?” (p. 58). A metáfora do *crystal*, escolhida por Kublai Khan, é desdobrada por Calvino em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio* (1992): pertence ao domínio do preciso, do lógico, da estabilidade, das formas fixas. Ressalta-se a solidez quebrada em esquinas.

Marco Polo, porém, ao invés de oferecer-lhe o “desenho perfeito”, traz as formas imprecisas das cidades invisíveis. Desde as pantomimas iniciais até as descrições subjetivas construídas em língua tártara, o jovem viajante montava, com seus relatos, desafios de interpretação: “O Grande Khan decifrava os símbolos, porém a relação entre estes e os lugares visitados restava incerta”

(p. 26). A narrativa de Marco tinha o poder dos emblemas. O imperador pergunta ao viajante: “Quando conhecer todos os emblemas conseguirei possuir o meu império, finalmente?” (p. 26). Kublai Khan procura a chave do reino líquido, que ainda não possui.

Ao invés de se concentrar, como fazem os demais embaixadores, em uma descrição fiel e objetiva, com dados concretos sobre as terras visitadas, Polo constrói cidades subjetivas e misteriosas, cidades-esfinge, com rastros imagináveis de pegadas. Para o viajante, o relevo não é o espaço físico: “As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos [...] De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas a reposta que dá às nossas perguntas” (p. 44). As cidades do veneziano são ficções, no sentido de artefato culturalmente construído, de algo fabricado, modelado “– o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento” (GEERTZ, 1989, p. 11). Imaginação e realidade apagam fronteiras, inaugurando o reino líquido de Marco Polo. Neste ponto, recordo-me de um conto de Eduardo Galeano sobre Fernando Silva, contador de histórias:

O que é a verdade? A verdade é uma mentira contada por Fernando Silva. Fernando conta com o corpo inteiro, e não apenas com palavras, e pode se transformar em outra gente ou em bicho voador ou no que for, e faz isso de tal maneira que depois a gente escuta, por exemplo, o sabiá cantando num galho, e a gente pensa: Esse passarinho está imitando Fernando quando imita o sabiá (GALEANO, 1995, p. 68).

Na visão de Flávio Carneiro (2001, p. 163), Polo não descreve o império *real*, mas as cidades que seu imaginário vai criando. Kublai Khan não esconde sua inquietude diante dos relatos do veneziano: há alguma relação entre esta narrativa e o reino sólido, território físico conquistado pelo imperador? Marco Polo realmente visitou as cidades? Diz o Khan: “Não sei quando você encontrou tempo de visitar todos os países que me descreve. A minha impressão é que você nunca saiu deste jardim” (p. 95). O poeta Pessoa parece ecoar o viajante em resposta possível:

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.
Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê! (PESSOA, 1990, p. 165).

Como afirma Bauman (2001, p. 140), “Na modernidade líquida mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível”. Leveza e mobilidade são a base do poder líquido. Neste contexto, tudo que restringe o movimento (tudo que é volumoso, sólido, pesado) “deixa de ser um recurso para tornar-se um risco” (Idem, 2001, p. 148). O que permite o movimento imperceptível de Polo intriga o Khan: seu potencial criador, o hábil manejo de palavras. Com a força do imaginário, o viajante cria/atraversa espaços instantaneamente. Viagem pela linguagem.

Quando, com sua mente matemática, o imperador tenta reduzir o processo de construção das cidades de Marco Polo a um jogo de xadrez, o viajante o assombra com sua capacidade de leitura (criação de sentidos) a partir de um quadrado de madeira: “A quantidade de coisas que se podia tirar de um pedacinho de madeira lisa e vazia abismava Kublai; Polo já começava a falar de bosques de ébano, de balsas de troncos que desciam os rios, dos desembarcadouros, das mulheres nas janelas” (p. 149). O objeto sólido se liquefaz ao virar símbolo.

Kublai Khan provoca o veneziano:

As suas cidades não existem. Talvez nunca tenham existido. Certamente não existirão nunca mais. Por que enganar-se com estas fábulas consolatórias? Sei perfeitamente que o meu império apodrece como um cadáver no pântano, que contagia tanto os corpos que o bicam quanto os bambus que crescem adubados por seu corpo em decomposição. Por que você não me fala disso? *Por que mentir para o imperador dos tártaros, estrangeiro?* (p. 57, grifo meu).

Marco Polo dá a pista: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles”. E completa: “A mentira não está no discurso, mas nas coisas”. Os valores e a visão de mundo realçados na narrativa do veneziano são, muitas vezes, contrários aos do imperador. Nas entrelinhas em que se revela, Polo parece consciente do processo de mediação que se estabelece pela narrativa.

O que seduz o Grande Khan nos relatos do veneziano? Com gestos, olhares, objetos, palavras, a poética narrativa de Polo potencializa abertura³, con-

³ Levando em conta o conceito de abertura proposto por Umberto Eco em seu livro *Obra aberta* (e outros).

vidando à construção de significados e convocando o imperador ao papel ativo de co-autor, em *poiesis*⁴ que se dá, também, na leitura: “o que Kublai considerava valioso em todos os fatos e notícias referidos por seu inarticulado informante era o espaço que restava em torno deles, um vazio não preenchido por palavras” (p. 41). O prazer da criação: Kublai inventa o seu reino. Para Flávio Carneiro, o imperador buscava na narrativa de Polo “não cifras, mas emblemas, símbolos, com os quais montava seu império invisível, o único que, àquela altura, lhe interessava. Ouvindo o jovem Marco, Kublai Khan deixa de ser o imperador que se preocupa em manter o seu império e passa a ser de novo um conquistador” (CARNEIRO, 2001, p. 164). O texto de Polo investe em vazios, abrindo espaço para o Grande Khan imaginar o reino que desejar. A aventura é interpretativa. Ao tentar decifrar os relatos de Polo, o imperador

vai montando o seu texto, a leitura do *seu* império. E *seu* não porque o tenha conquistado antes, com seus exércitos, mas porque o está conquistando agora, naquele momento em que monta a sua leitura, sempre única, da história que Marco Polo está contando. A narrativa de Marco seduz o grande Khan porque lhe oferece não o que o imperador já possui, como fazem os outros embaixadores, mas aquilo que Kublai Khan precisa possuir. Marco lança o desafio: ver as cidades invisíveis (CARNEIRO, 2001, p. 165).

A conquista das cidades invisíveis é individual, só depende do imperador, de seu investimento como leitor. Polo oferece ao Grande Khan a possibilidade da conquista pessoal, sem exércitos ou qualquer outro apoio que não sua capacidade de interpretar símbolos: é ele, leitor e autor ao mesmo tempo, que irá traçar a arquitetura das cidades sugeridas pelo viajante. Só ele as verá desta forma. “A cada leitor, sua leitura. Seu império em construção” (CARNEIRO, 2001, p. 165). Assim, Kublai Khan inaugura sentidos no jogo proposto pelo veneziano, em clara experiência de fruição⁵.

Com seus relatos, Polo proporciona ao imperador vivência de leveza: “Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios” (QUEIRÓS, 1999, p. 23). Bauman cita, como exemplo de liberdade, um personagem de Calvino que reúne leveza e velocidade: o barão que saltava sobre as árvores. Para o sociólogo, é essencialmente a mobilidade, e não o peso, que confere *status* de leveza. Quem salta é o barão. Quem está fixo ao chão são seus servos. No caso do imperador dos tártaros se dá exatamente o oposto: a imobilidade forçada do Khan (preso ao seu reino, por força de manutenção e controle) contrasta com a imprevisibilidade, a mobilidade (física e da imagina-

⁴ Para aprofundamento deste conceito, tal como utilizado aqui, consultar Jauss (1979).

⁵ Conceito desenvolvido por Roland Barthes em seu livro *O prazer do texto*.

ção) do jovem viajante. Na modernidade líquida, diz Bauman (2001, p. 139), “Quem manda são as pessoas que conseguem manter suas ações livres, sem normas e portanto imprevisíveis [...] As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam”. Quem salta sobre árvores é Marco Polo.

Como vimos, no horizonte da modernidade sólida,

A aventura e a felicidade, a riqueza e o poder eram conceitos geográficos ou ‘propriedades territoriais’ — atados a seus lugares, inamovíveis e intransferíveis. Isso exigia muros impenetráveis e postos avançados rigorosos, guardas de fronteiras em permanente vigília e localização secreta. [...] A lógica do poder e a lógica do controle estavam fundadas na estrita separação entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ e numa vigilante defesa da fronteira entre eles (BAUMAN, 2001, p. 133).

Segundo Bauman, este lugar/ propriedade torna-se, ao mesmo tempo, viveiro, fortaleza e prisão. Ao contrário, o poder líquido está ligado à capacidade de *escapar*, de estar em outro lugar. O Grande Khan está fixo em seu território. Mas o viajante leva o imperador a uma aventura *extraterritorial*, dispensando cavalos e exércitos, misturando o *dentro* e o *fora*. Transportado pelos engenhos de Marco Polo, o imperador viaja no império da linguagem: percurso de francas possibilidades. O jogo de leitura produzido pelo labirinto verbal de Polo permite ver o invisível. Dar a ler: “agenciamento de legibilidade, travessia pelas tramas da rede/texto, um espaço-tempo descontínuo, lacunar, em sua impossível totalização, na fronteira porosa entre o conceito e a imagem” (GOMES, 1994, p. 41). A leitura dos relatos orais de Marco Polo se estabelece como um jogo infinitamente aberto: “Estas cidades implicam uma cartografia imaginária, sobrepondo os tempos e os espaços num labirinto em que se busca não um ponto de chegada, mas uma infinidade de percurso, uma atividade de conexões” (GOMES, 1994, p. 41). Como diz Eduardo Galeano (1999), a verdade está na viagem, e não no porto.

Polo explode as noções de *dentro* e *fora* em suas cidades invisíveis (sempre com nome de mulher): “Pentesiléia é diferente. você avança por horas e não sabe com certeza se já está no meio da cidade ou se permanece do lado de fora. [...] A pergunta que agora começa a corroer sua cabeça é mais angustiante: fora de Pentesiléia existe um lado de fora? Ou, por mais que você se afaste da cidade, nada faz além de passar de um limbo para o outro sem conseguir sair dali?” (p. 143). Em Zoe, não se conhecem as fronteiras da cidade: “Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?” (p. 35). Já a cidade de Cecília “está em todos os lugares” (p. 139). Ao falar de Trude, o viajante conta o que lhe disseram quando lá esteve: “Pode partir quando quiser, mas você chegará a uma outra Trude, igual

ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto". "Talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene" (p. 115). Cidade: cidades.

Na percepção de Kublai Khan, as cidades de Polo "eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma *viagem*, mas uma mera troca de elementos" (p. 43). Reino líquido, em que o movimento é instantâneo.

— Sire, já falei de todas as cidades que conheço.

— Resta uma que você jamais menciona.

Marco Polo abaixou a cabeça.

— Veneza — disse o Khan.

Marco sorriu.

— E de que outra cidade imagina que eu estava falando? (p. 82).

As cidades invisíveis de Marco Polo desafiam o espaço físico. A cidade de Otávia resta suspensa sobre o abismo, cidade-teia-de-aranha: "Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada aos dois cumes por fios e correntes e passarelas" (p. 71). A cartografia caleidoscópica do viajante imprime movimento às cidades. Muitas vezes, sua forma não é fixa: "É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zembrude" (p. 64). No outro extremo está Zora, a cidade que foi obrigada a manter-se imóvel para facilitar a memorização: definiu, desfez-se e sumiu. Eis o derretimento da cidade sólida, fixa, imutável. Fugindo ao desenho usual das cidades, Armila não apresenta paredes, telhados ou pavimentos, apenas encanamentos de água, com chuveiros onde belas mulheres se banham. Em Argia, no lugar de ar existe terra. No mapa imaginável de Polo, há cidades inexatas como Tamara, onde tudo que se vê é símbolo de alguma outra coisa. Pista clara: o mesmo ocorre nos relatos do veneziano. O viajante afirma: "não existe linguagem sem engano" (p. 48). A palavra é o domínio do impreciso. Nos relatórios de Marco Polo, "A linguagem é recrutada para a empresa de construir um outro império – o textual, em que tudo está sob o signo da duplicidade" (GOMES, 1994, p. 42).

Do palácio real, o Grande Khan observa o crescimento de seu império *sólido*. Mas o desejo que comunica a Polo é o de construir cidades pela linguagem, como faz o jovem veneziano, e não mais conquistá-las com armas e exércitos: "De agora em diante, começarei a descrever as cidades. Nas suas viagens, você verificará se elas existem" (p. 67). O reino líquido de Polo leva o imperador a questionar a solidez como valor:

O Grande Khan contempla um império de cidades que *pesam* sobre o solo e sobre os homens, apinhado de riquezas e de obstruções, sobrecarregado de ornamentos e incumbências, complicado por mecanismos e hierarquia, *inchado, rijo, denso*. 'É o seu próprio *peso* que está esmagando o império', pensa Kublai, e em seus sonhos agora aparecem cidades *leves* como pipas, cidades esburacadas como rendas, cidades transparentes como mosquiteiros, cidades-fibra-de-folha, cidades-linha-da-mão, cidades-filigrana que se vêem através de sua espessura opaca e *fictícia* (p. 69, grifos meus).

Poderíamos dizer: cidades líquidas. Ao descrever a Polo uma cidade com a qual sonhou, Khan arrisca novos valores, acentuados pela atuação mediadora do veneziano: "Agradecida, a lua concedeu à cidade de Lalage um privilégio ainda mais raro: crescer com *leveza*" (p. 70).

O mundo, na modernidade leve, é caracterizado por Bauman (2001, p. 136) como múltiplo, complexo, rápido e, portanto, como ambíguo ou vago. No livro de Calvino, o reino ambíguo é o de Marco Polo: reino feito de palavras, gestos, olhares, silêncios. E o imperador parece perceber que seu reino *pesado* está condenado às mordidas dos cupins: rende-se ao inevitável derretimento dos sólidos.

A tensão entre o reino sólido (de Khan) e o líquido (de Polo) se renova durante todo o livro. Nas fendas e dobras de um, revela-se o outro.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996b.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CARNEIRO, Flávio. *Entre o cristal e a chama*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Idem. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason e CONDINI, Paulo. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto. (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

